

PLANTAS NATIVAS DO CERRADO USADAS COMO ANTI-INFLAMATÓRIAS

Luzia Francisca de Souza^{1*}

¹ Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, Ciências Biológicas.

*lufs_go@yahoo.com.br

Introdução

A inflamação pode ser definida como o conjunto de alterações bioquímicas, fisiológicas e imunológicas em resposta a estímulos agressivos ao organismo e está representada pela dor, vermelhidão, edema e febre [1]. A inflamação crônica é aquela com duração maior do que seis meses, de caráter contínuo ou recorrente; trata-se de um problema de saúde pública, pela sua alta prevalência, alto custo e impacto negativo que pode causar na qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares [2]. Existem atualmente três grupos de medicamentos antiinflamatórios no mercado: os esteroidais, os não esteroidais e os coxibes. Ambos apresentam respostas diferentes ao sistema imune, porém todos causam efeitos colaterais que vão desde gastrite, infarto agudo do miocárdio até acidente vascular cerebral [3]. Devido a esses drásticos efeitos colaterais, uma grande parte dos pacientes prefere o uso de fitoterápicos antiinflamatórios. As plantas são uma fonte potencial de medicamentos tradicionais e substâncias químicas com propriedades úteis na modulação do sistema imune, com menores efeitos colaterais. A opção da fitoterapia na cura das doenças traz diversos pontos positivos, por exemplo: facilidade de encontrar o remédio, baixo custo e menor efeito colateral. Porém, o desconhecimento das essências nativas é uma das causas do distanciamento dos profissionais da saúde em suas indicações cotidianas. No intuito de somar com o sistema de saúde oficial, apresentamos uma síntese de trabalhos realizados com as plantas nativas do cerrado do estado de Goiás, úteis no tratamento de inflamações, com baixa ou nenhuma toxicidade.

Metodologia

Para a realização deste artigo foram revistos compêndios de plantas medicinais brasileiras [4] e artigos científicos disponíveis nos periódicos eletrônicos, empregando-se os seguintes descritores e suas combinações: vegetal, inflamação, Cerrado.

Resultados e Discussão

Foram analisados 32 artigos e livros publicados entre os anos 1945 e 2007 e o maior número de trabalhos sobre o assunto foi publicado entre 1971-2000. Foram compiladas 50 espécies com indicações anti-inflamatórias. Sobressaiu-se a família Asteraceae com 11 espécies; em seguida Fabaceae, com cinco espécies. A maioria das

famílias (40%) apresentou entre uma e três espécies consideradas como antiinflamatórias.

Asteraceae representa a família com maior número de caracteres derivados entre as angiospermas e suas espécies apresentam isoflavonoides, vários óleos essenciais e alcalóides na constituição química. Fabaceae também representa uma família com inúmeras características derivadas e suas espécies apresentam principalmente isoflavonoides como princípios ativos. Os isoflavonoides (flavonas) possuem diversas ações farmacológicas, sendo as principais relacionadas com a proteção e fortalecimento dos tecidos bem como combate aos radicais livres. Óleos essenciais apresentam ações farmacológicas contra espasmos, dores, sendo relaxante muscular. Os alcalóides atuam no SNC como calmante, sedativo, estimulante, anestésico e analgésico. Além disso, as plantas apresentadas estão em grupos com baixa toxicidade, não apresentando os efeitos colaterais indesejáveis dos remédios da medicina oficial.

Conclusões

As plantas do Cerrado vêm sendo úteis na fitoterapia há pelo menos 500 anos, quando a etnia branca aqui aportou; no presente, observamos que muitos trabalhos têm validado seu uso na prevenção e cura de diversas moléstias que acomete o homem. Os estudos etnobotânicos, químicos e farmacológicos validam o uso popular e oficial dessas espécies como antiinflamatórias de menores efeitos colaterais.

Espera-se a intervenção do estado no sentido de diminuir a destruição dos habitats do Cerrado, conferindo mais proteção a essas espécies e mais recursos para a transformação dos seus compostos químicos em remédios para a população necessitada.

Referências Bibliográficas

- [1] Kumar, R., Clermont G., Vodovotz Y., Chow C.C. 2004. The dynamics of acute inflammation. **Journal Theoretical Biology** 230:145-155.
- [2] Merskey N. 1994. **Classification of chronic pain: descriptions of chronic pain syndromes and definitions of pain** 2ed. Seattle: IASP Press.
- [3] Geraldo, J. M. & Alfenas, R. C. G. 2008. Papel da Dieta na Prevenção e no Controle da Inflamação Crônica – Evidências Atuais. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia e Metabolismo** 52(6): 951-967.
- [4] Lorenzi, H. & Matos, F.J.A. 2002. **Plantas medicinais do Brasil**. Nova Odessa: Editora Plantarum.